



Provas de Acesso ao 2.^a Ciclo

Educação Básica

2011

Exame de Língua Portuguesa

Tempo para realização da prova: 2 horas

Tolerância: 30 minutos

Material admitido: exclusivamente material de escrita

PARTE I – COMPREENSÃO DO TEXTO

O texto abaixo transcrito, da autoria de João Lobo Antunes (conhecido neurocirurgião e professor universitário), é um excerto do seu discurso proferido no Dia do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em 15 de Maio de 1998. Leia-o atentamente.

Elogio da dificuldade

Ao ensaiar aqui o elogio da dificuldade, insistindo em fastidioso refrão, que a cultura da facilidade não é adequada para o que espera as gerações que vamos lançando ao mundo, eu não pretendo menosprezar a dificuldade de educar. Escreveu Barzun, um dos educadores em que mais busco inspiração, que as dificuldades de ensinar nunca desaparecerão. Dificuldades, notem, não problemas: os problemas apagam-se com o tempo; as dificuldades permanecem. Será sempre difícil ensinar a ler, escrever e contar com facilidade e competência, a adquirir um sentido da história, a desenvolver o gosto pela literatura e pelas artes. Ensinar será sempre dizer a outro como deve pensar e comportar-se. É uma imposição, uma invasão da privacidade, uma violação da vontade.

Parte da dificuldade nasce do desajustamento entre as preferências dos professores e as expectativas dos alunos. Nós vivemos no mundo dos conceitos e das abstrações, mais ocupados pelas leis gerais do que pelas minúcias do particular, assumindo, talvez erradamente, que os alunos apreciam tanto como nós a autonomia e a independência indispensáveis ao trabalho do espírito. A verdade é que os alunos estão ainda num outro estágio: preferem o mundo das experiências concretas, de valor prático, directamente aplicável, e, fundamentalmente, escolhem também o de que já sabem que gostam, sem se darem ao trabalho, mais árduo, de tentar as experiências que lhes mudarão o gosto. [...]

Vivemos no limiar de uma era de potencialidades sem fim, da sociedade da informação. Saber e informação não são sinónimos. Informação é o conhecimento arquivado, disponível e partilhável. O saber é informação temperada com um componente volitivo e um *vibrato* de emoção, que o torna actuante e útil. O saber é mais fácil de reconhecer do que a ignorância,

que é um buraco disfarçado que nos engole quando menos esperamos. Quantas vezes, no acto de ensinar, eu tropeço por dentro do meu discurso, subitamente incerto da verdade do que estou a dizer — será assim, ainda será assim? É por isso que é importante vivermos de olhos abertos para a eterna capacidade de nos surpreendermos.

Wisława Szymborska, poetisa polaca que especialmente admiro, dizia em 1996, no seu discurso Nobel, que a inspiração, que ela entendia não ser dom exclusivo dos poetas, mas algo que habita todos aqueles que exercem o seu trabalho com amor e imaginação, nascia de um eterno «eu não sei».

Sempre me irritou a exigência de que as matérias a leccionar fossem geometricamente circunscritas e, depois de gravadas, empacotadas em transcrições feridas das naturais imperfeições de um discurso espontâneo. Mais me repugna, ainda, a tendência a decompor o saber em listas de factos e manobras, que cumpram um rol de objectivos, que obedeçam às linhas de um qualquer perfil desenhado em rotineira sequência, abençoado pela nova pedagogia quadrada, isenta de erro ou omissão.

Vou contar-vos uma história. Há alguns anos operei um velho capelão de uma instituição religiosa a um problema de coluna. Antes da intervenção, porque as dores eram difíceis de suportar, o seu sermão era rápido, quase fulminante, o que, dados os limitados dotes de eloquência do sacerdote, era aceite de bom grado pela comunidade. Curado dos seus males, o sermão passou a alongar-se de tal modo que as religiosas se dedicavam durante esse período às mais diversas tarefas. Finalmente, a madre superiora pediu-me que interviesse, persuadindo o capelão a ser menos loquaz. Quando o fiz, ele respondeu-me simplesmente: «O Senhor Professor bem vê, eu tenho que lhes dar uma papinha teológica...»

A escola pode alimentar-vos com papas, mas, quando daqui saírem, verão que a dieta é outra, e terão de aprender a caçar por vós, segundo regras diferentes de trabalho e de convívio.

João Lobo Antunes, «Elogio da dificuldade» (excerto), in *Numa Cidade Feliz — Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 1999

Após a leitura, responda às seguintes questões:

1. Explique o sentido das frases «Ensinar será sempre dizer a outro como deve pensar e comportar-se. É uma imposição, uma invasão da privacidade, uma violação da vontade». (Máx. 10 linhas)
2. Indique que factores são apontados no texto como parte da dificuldade de ensinar. (Máx. 12 linhas)
3. Esclareça qual/ Comente o papel da *ignorância* quando relacionada, pelo autor, com a informação e o saber. (Máx. 10 linhas)
4. Identifique, usando palavras suas, o defeito fundamental do ensino institucionalizado que leva João Lobo Antunes a usar a expressão «papas». (Máx. 8 linhas)
5. Sintetize as razões que levam o autor a fazer o elogio da dificuldade em oposição à «cultura da facilidade». (Máx. 8 linhas)

PARTE II — FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. *Reescreva as frases, substituindo os constituintes sublinhados pelo pronome pessoal adequado.*
 - 1.1. Eu não pretendo menosprezar a dificuldade de ensinar.
 - 1.2. Vou contar-vos uma história.
 - 1.3. Os alunos preferem o mundo das experiências concretas.
 - 1.4. Ensinar será sempre dizer a outro como deve pensar e comportar-se.

2. *Transponha para a voz passiva as frases cuja estrutura o permita.*
 - 2.1. João Lobo Antunes faz, no texto, o elogio da dificuldade.
 - 2.2. Alguns alunos não apreciam muito a autonomia e a independência indispensáveis ao trabalho do espírito.
 - 2.3. Nós vivemos no mundo dos conceitos e das abstracções.
 - 2.4. Há alguns anos operei um velho capelão de uma instituição religiosa.

3. *Para cada uma das formas verbais ou expressões indicadas, escreva uma frase que exemplifique o seu uso correcto.*
 - 3.1. Lavas-te
 - 3.2. Lavaste
 - 3.3. Há cerca de
 - 3.4. Acerca de

4. *Identifique a função sintáctica de cada um dos constituintes sublinhados nas frases.*
 - 4.1. Os problemas apagam-se com o tempo.
 - 4.2. Saber e informação não são sinónimos.
 - 4.3. Eu tenho de lhes dar uma papinha teológica.

5. *A partir de cada par de frases, construa frases complexas de acordo com as indicações entre parêntesis, procedendo às necessárias alterações.*
 - 5.1. Os problemas apagam-se com o tempo. As dificuldades permanecem. (Coordenada adversativa)
 - 5.2. O padre falava durante muito tempo. Ele era capelão de uma instituição religiosa. (Subordinada relativa)
 - 5.3. Ensinar é transmitir saber. O ensino não prepara para a vida. (Subordinada concessiva)

PARTE III — COMPOSIÇÃO

Num texto que não ultrapasse as duas páginas, escreva um comentário às ideias que a seguir se transcrevem:

«[N]ão é missão da escola fazer os alunos felizes. A felicidade é uma construção pessoal, uma procura sem fim ou limite, para a qual a escola deve fornecer o equipamento cognitivo e dar músculo às qualidades indispensáveis à jornada. Por isso afirmo que a **‘escola fácil’** não cumpre a missão de vos preparar para a **vida difícil.**»

João Lobo Antunes, «Elogio da dificuldade» (excerto), in *Numa Cidade Feliz — Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 1999

GRELHA DE COTAÇÃO DA PROVA

QUESTÕES	COTAÇÃO (valores)
PARTE I	
1.	2
2.	2
3.	2
4.	1,5
5.	1,5
TOTAL DA PARTE I	9
PARTE II	
1.	1,2
2.	1,2
3.	1
4.	1
5.	1,6
TOTAL DA PARTE II	6
PARTE III	
1.	5
TOTAL DA PARTE III	5
TOTAL DA PROVA	20